

CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO II

ASSIGNATURAS:
Por mez 500
Pagamento adiantado

Publicação semanal
STA. CATHARINA—Desterro, 30 de Julho de 1888

Escriptorio da Redacção,
á rua do Senado
N. 17

N. 15

CREPUSCULO

Desterro, 30 de Julho

Instrucção popular

X

Nunca tem-se assaz fallado sobre a instrucção publica: assumpto por demais complexo e importante, cheio dos maiores embaraços e circumstancias, que o elevam á altura do primeiro e mais monumental dever de um governo bem constituido.

A escola é chave que abre as portas ao templo da liberdade, concorrendo muito para o seu desejado progresso a indispensavel educação da familia.

Ao governo cabe o maior cuidado e solicitude na destribuição de escolas, que façam cidadãos bons e honestos.

A mais ampla e liberal organisação deve ser dada a esses nucleos de ensino popular.

A sociedade nada tem com as crenças individuaes, que se algum poder ha que as possa dirigir, este será a familia, que é só e unicamente responsavel pelo caracter e vida intima de um povo.

A instrucção nas escolas deve ser dada de modo que os meninos confiem alguma cousa em suas proprias forças, porque é uma verdade conhecida pelos melhores pensadores—que a desgraça ou felicidade do individuo depende, em grande parte, da energia ou inepcia de suas faculdades.

O menino acostumado a pensar cedo nas virtudes de um bom caracter, no patriotismo, no denodo e responsabilidade daquelles individuos que estiveram em logar distincto na sociedade, contrairá, sem duvida, o habito muito nobre de não transgredir lei nenhuma que vá de encontro a esses principios, que elle já conhece como verdadeiras alampadas da sua razão.

O maior embaraço que tem encontrado a instrucção publica para seu desenvolvimento é a educação de familia, que nem póde ser energica, e por conseguinte proficua, mas, por este mesmo motivo cumpre ao governo na destribuição do ensino ter o maximo

cuidado nos caracteres que têm de investir do mais sagrado de todos os direitos, qual o de dirigir os animos alheios.

Contos originaes

V

Os dias decorrem tristes e tão longos para Alzira, como a oppressiva dôr que lhe confrange o peito. Contemplar seu avô prostrado n'um leito de agonias, inteiramente desfigurado pelos ardores intensos da febre que o arrasta á borda de um tumulo, pensar que o momento angustiado de uma despedida eterna ameaça approximar-se de seu extremoso protector, seu unico arrimo, torna-se-lhe o mais horroroso martyrio.

A pobresinha, qual fragil haste lançada pelos ventos do infortunio, que afogam-a na onda da fatalidade, de dia para dia apresenta o semblante mais melancolico, que casa-se com o negro de seus rasgados olhos, amortecidos pelos desgostos que se manifestam em cada lagrima que rôla pela pallidez de suas angelicas faces.

Sentada junto a um leito de agonias, sonda á medo a lucta das dôres terribes que combatem no espirito do triste moribundo, e cada gemido tremulo que se perde pelos ambitos do silencioso quarto é para ella como a lamina fria de um punhal que lhe trespassa o coração.

Sempre auxiliada por humanitaria vizinhança, que jamais abandonára-a desde o começo da molestia do bom velho, agradecida em extremo, com toda a humildade e franqueza, confia os arranjos da casa áquellas caridosas pessoas que, com toda a effusão d'alma, cheias de benevolencia e compaixão, lhe offerecem seus prestimos.

Ella, inteiramente concentrada no tristonho quarto, onde pelo avô deixára tudo, entre cuidados, desvelos e carinhos, ajoelhada á cabeceira do leito, dirige-lhe animadoras consolações; mas a triste apenas obtém como resposta frouxos olhares de compaixão, porque o moribundo, acossado pelos impulsos da fraqueza, mal balbucia

palavras imperceptiveis; então Alzira, estorcendo-se em mil desesperações, contempla muda aquelle sinistro estado e, parecendo vêr a cada momento fugir a preciosa e ambicionada vida, mal reprime as lagrimas, abafa longos suspiros e cahe n'uma profunda meditação, sentindo aos poucos as esperanças fenecerem-se-lhe no coração.

Assim passaram-se algumas horas sob aquelle tetrico silencio, quando, de repente, a commoção de uma atroz agonia abate violentamente a Simeão; e aos gritos agudos e penetrantes de Alzira, que arrojára-se pelo chão, esvairada pela dôr, arrancando os cabellos e como uma louca chamando seu caro avô, acodem as demais pessoas aterrorisadas e aglomeram-se em torno do leito, contemplando, com os olhos rasos de agua, os arrancos da morte que obrigára Simeão a ceder os ultimos halitos da existencia ao Creador.

Algunas d'aquellas piedosas mulheres tentavam consolar Alzira; porém, esta, em dolorosa lamentação, ainda julgando impossivel ter morrido seu caro avô, atira-se sobre elle e beija-lhe desesperadamente as mornas e lividas faces, regando-as de ardentes lagrimas.

Poucos minutos depois, n'aquelle lugubre recinto, duas vélas illuminavam Simeão; e Alzira, ajoelhada ante o cadaver, cheia de angustias, em atroz martyrio, orava, seguida de um côro de choros e gemidos de quasi toda a população da aldeia.

A tarde suspirosa morria, bafejada pelo doce crepusculo, e a Ave-Maria tristemente soava no sino d'aldeia; as rolinhas amorosas fugiam dos campos ao seio das selvas, para, em ternos arulhos, velarem os quentes ninhos que abrigam os filhinhos.

Na torre da igreja esvoaçavam timidamente as corujas, e lá ao longe o camponez que regressa do trabalho, sóta uma cantilena campestre, que perde-se pelos sinuosos caminhos.

Orlam, emfim, as estradas d'aldeia as espessas sombras da noite, e os ventos, que sopram de léste, repassam a choupana de Alzira, levando sons de uma balada melancolica, e de um grito penetrante, seguida de mil desespera-

ções e martyrios, a morrerem nas paragens de além...

IBRANTINA DE OLIVEIRA.

Desterro, 1888.

(Continúa)

Idealisações

À FRANCISCO MOTTA

Era uma noite de lua cheia.

Um orvalho confortavel e doce cahia aos poucos por cima das escarpas. A luz clara e transparente do luar vibrava vagarosamente nos pincaros da serra, dando-lhe um certo «que» esplendoroso!

Nos jardins, esses paraísos de flôres odoríferas, desabrochavam as brancas rosas subtilmente. Um sussurro de folhagens seccas fazia-se ouvir dos caminhos quando estas, impellidas por uma aragem sadia, rolavam por sobre elles.

N'esta noite divinal, não a vi, não pude fital-a de perto.

Disseram-me que ella estava doente!

Enchi-me d'um enternecimento, de um pezar, de prantos, de lagrimas, d'um lamento tal, que, emfim, fui vel-a, inerte, quasi exanime—no seu leito tão asseiado como o tepido ninho de um beija-flôr.

Quando a vi desfallecida como uma creancinha que acaba de morrer, fugiram-me depressa as esperanças de possuil-a.

Da sua voz virginal, que era tão vibrante, tão harmoniosa como uma canção etherea de poeta, não mais pude escutar essa vibração, essa harmonia limpida que dava-me tanto esplendor á alma como se eu por acaso estivesse fitando um panorama radiante e admiravel.

— Dá-me estas mãos, quero aquecel-as entre as minhas, quero roubar-lhes essa quentura suavissima, quero beijal-as.

Ella não m'as deu porque estava tão desfallecida como uma creancinha que acaba de morrer.

Consegui pegal-as...

Oh! como estavam febris, como era desmaiada a sua côr.

O travesseiro rosado, rendilhando-lhe uma fronha de alvissimo «chrochet», possuia um perfume casto, doce como um lyrio, doce como um canto: era o oleo dos seus annelados cabellos que n'elle transmittia-se a miudo.

O costumado colorido, cheio de pureza, dos seus virtuosos labios virginaes havia desaparecido.

A luz penetrante de seus olhos escondera-se através de uma nuvem pallida que os coloria.

Aquella alcova florescente e preciosa era tão fria, como um alvamento marmore exposto ao sereno, n'uma noite de luar!

A lua já além brilhava. As estrellas scintillavam com certo deslumbramento que obscureciam-me o olhar.

A rir, como quem sahe de uma grande orgia, cruzavam-se nas ruas uns rapazes desenfreados e audazes.

E a pobre da minha bella soffria cruelmente.

Eu via-lhe a existencia ir diminuindo e enflorar-lhe a fronte uma corôa de goivos!

Oh! que noite fatal, que noite de tormentos passei ao lado d'ella!

Quando fui vel-a suppuz encontral-a melhor, mas encontrei-a mais semimorta do que viva...

Quando chegou a hora silenciosa em que as aves, as flôres, as crianças e os cyprestes descançam em paz, a hora em que «a noite estende a constellada veste» o destino lhe disse: ahi tens uma sepultura, faz della a tua morada!

Vi-a morrer. Os sonhos doirados das minhas esperanças voaram-me como vôa um bando de pombinhos em busca de abrigo.

— Sei que és polaca.

— Odeio a todos os teus. Sou Vanda, a revolucionaria, de quem talvez tenhas ouvido falar.

— Tenho noticia da tua crueldade.

— Da minha justiça, dize antes. Combater sem treguas os oppressores; partir-lhes nas faces as algemas com que nos pretendem agrilhoar, longe de ser um crime, como te parece, é a mais justa das represalias. Debalde, russo, intentas abafar pela força as rebeliões que se levantam como um protesto contra o teu intoleravel despotismo! Inutilmente empregas a violencia para nos arrastar ás trevas em que vives! Supprimir a Polonia da lista das nações civilisadas, riscal-a do mappa como se fôra uma inutil nesga de terra, é tão impossivel como impedir a marcha do tempo! Quando cuidares dormir tranquillo sobre ensanguentados louros, os partidarios de Vanda farão voar em pedaços a corôa imperial para que, após a explosão, possa resplandecer immaculado e bello o sol da liberdade! Ajoelha-te, russo!

O meu enternecimento tornou-se mais amplo ainda.

Talvez... talvez... quem sabe se eu tão cedo tinha de perdela!

Velei-o toda noite, perdi o proprio somno para vêr-lhe sem luz as pupillas e sem sangue a epiderme.

Quiz-me tornar menos triste, mas, ai, não o pude mais: porque além de passar uma noite tão fatal ao lado d'ella, vi-a morrer como morre uma andorinha.

Engrinaldaram-na de brancas saudades e puzeram-na tão formosa como uma santa.

Chorei, tive compaixão, tive pena de vêl-a assim morta...

Procurei outra vez tornar-me menos triste, o que só consegui quando aquelle anjo, que eu cuidava ser meu, voou para o reino celestial!

SABBAS COSTA.

Desterro, 25—Julho—88.

PEROLAS DE OPHIR

Resposta

AO SONETO «OLHAR DE AGUIA» DO INSPIRADO POETA CARLOS DE FARIA

Poeta! não via, em meditar profundo, a natureza e o céu entre chiméras; sentia a vida do fulgente mundo velar de amor as minhas primaveras.

Sentia, sim, das affeições sinceras o olhar de Phebo, n'um sonhar fecundo, voar a esperança do infinito ás héras; e então de aroma o coração circundo

a scintillante luz-mais perfumada, não como a dôce luz que a madrugada eleva aos céos infindos esplendores,

porque a lyra, que mal divaga recta, não pôde ovante, oh! alma de Poeta, se abir em sóes... mas em humildes flôres!

IBRANTINA DE OLIVEIRA.

Desterro, 24—Julho—88.

O capitão Melnikow ajoelhou-se.

— És uma patriota euthusiasta, Vanda! A tua coragem é indomavel! O proprio imperador não se julga seguro em seu palacio, cercado de innumerous cossacos. Mas deixa-me levantar. Que culpa tenho eu que elle pretenda escravisar o teu paiz?

— Responsabiliso-te porque és russo; tens nas veias sangue autocratico; teu coração não sabe pulsar em favor da causa do povo; só ideias de prepotencia e de oppressão enchem-te o orgulhoso cerebro! És máo por natureza! A tua posição deve ser sempre esta em face do direito—ajoelhado e mesquinho, sem poder levantar a fronte carregada de crimes vergonhosos! Beijame os pés, russo!

E a intimação foi feita com uma tão vibrante voz que pedro Melnikow comprehendeu bem que a desobediencia lhe importaria a morte.

O capitão curvou-se como um escravo e beijou com respeito os pés da heroína.

1 ROMANCE DO "CREPUSCULO"

AS NOITES DE VERÃO

POR

DAMASCENO VIEIRA

Vanda

I

— Aqui te entrego prisioneiro este russo. Faz d'elle teu escravo.

— Diz bem, meu pae. Quero que elle por sua vez experimente o que é não ter liberdade.

Sentirei prazer em martyrisal-o, e se acaso se revoltar, matal-o-hei.

E Vanda, com os olhos chispantes de odio, divinamente bella na sua indignação, parecia a imagem viva da patria a Polonia, tentando saciar em sangue a sede de vingança.

— Sabes que te odeio de morte? perguntou a noça ao official, mal contendo o rancor.

O velho marujo

Soprava rijo do sul,
o mar batia nas fragas;
eu o vi soltando ás vagas
a leve barquinha azul.

Em bando fogem medrosas
as niveas gaivotas bellas,
qu'em véo de negras procellas
se trocam as nuvens mimosas.

E o velho nauta ás lufadas
o branco panno desata;
rebentam em vellos de prata
as negras vagas iradas.

Rebentam as vagas... e fundo
cava-se o abysmo terrivel!
Murmura o nauta: «impossivel»!
fitando triste o profundo.

E rugue o trovão ferindo
d'horrores o céu pesado;
no mar d'espumas rendado
se abysma o raio cahindo.

Depois... torrentes, torrentes
dos regaços da procella;
depois scintilla uma estrella...
e sopram as auras trementes.

Mas a barquinha tão leve,
que rumo, meu Deus! tomou?
que sorte o barqueiro teve?...
—Só sabe o mar que os levou!

DELMINDA SILVEIRA.

Desterro—1888.

Apotheóse!

(VERSOS Á PRINCEZA)

A Natureza ri nas boccas da florésta.
O sol gorgeia luz! O céu é todo em festa.

A terra—em sua eterna e rapida carreira—
deixa hoje em seu caminho azul e deslumbrante
de astros e de lauréis uma gloriosa esteira...

E' que hoje o maior dia alvóra no Levante!

Cantam singrando o Espaço as aves da Alegria,
e Deus ao homem negro o seu olhar envia!

A noite —escravidão — hoje emfim se enluára:

Prometheu nunca luz melhor no céu fictára!

Os carrascos da Tréva, os Néros das senzalas
bérram ao tumultuar unisono das galas
que crêscem, sóbem, vôam, loucas, delirantes,
da campa dos heróes ao throno dos gigantes!

A aguia da Liberdade, ha tantos annos préza,
abriu azas á voz d'uma gentil princeza,
e n'um vôo ella vae em todo o mundo agora
entre o clarão triumphante e ideal da—Nova auróra!

Quanto sol! Quanto amor! Quanta fé! Quanta luz!
Quanta união, ó Deus! Que glorias! Que trophéus!
Parece que outra vez os olhos de Jesus
fictam a esphéra terrestre e estrellejam os céos!

Humanidade! a pé! e no Futuro cré,
mas na Crença sublime em que morreu Littré!

Brazil! ergue-te emfim! Vamos: anda, descóse
o sudario que envolve os restos de teus brávos,
e enche-o de gloria assim!

Não temos mais escravos!
E beija a mão que fez dos livres a apothéose!

A Natureza ri nas boccas da florésta.
O sol gorgeia luz! O céu é todo em festa!

CARLOS DE FARIA

Laguna, 13 de Maio de 1888.

(Dos « Meteóros »)

A' morte

Vem, que sinto minh'alma espedaçada,
partido o peito em pavidó gemer,
e n'este atroz martyrio infindo, enorme,
foge-me a vida em intimo soffrer.

Sinto na dôr a vida abandonar-me,
gelado e triste, moribundo o peito...
vem de uma vez, arranca-me a existencia,
e leva-me da tumba ao frio leito.

Lá, quando os ventos suspirarem tristes,
e destender a noite o triste manto,
ninguem na minha campa solitaria
verterá da saudade o amargo pranto.

Só a lua serena e melancholica,
nas solidões do espaço, impallecida,
com sua luz cobrirá a lousa algente
que cobre a pobre victima esquecida.

UBALDINA DE OLIVEIRA.

Desterro, 27 de Julho de 1888.

N'uma noite de inverno

Vamos minha filha
já além surgio a lua,
toma essa mantilha
e cobre a espadua nua;

Agazalha te meu tyrio
a noite é bem fatal,
e corre um ar tão frio
que te pôde fazer mal...

O gelo vem cahindo
por cima da escarpa
como o rumor infindo
das cordas de uma harpa.

Não temas anjo louro,
eu hei de te velar:
és tu o meu thesouro
não tens que receiar.

Por ti serei um bravo
estrella do meu norte,
jurei ser teu escravo
na vida ou na morte

Não sei porque medrosa
caminhas a scismar,
tremendo como a rosa
no prado a despontar.

Coragem minha filha,
a noite é bem fatal,
é fria essa mantilha?
o frio faz-te mal?!

E' longa essa jornada
oh! meu primeiro amor,
quem sabe—estás cansada?
—não fallas, minha flôr!

Pois tens as mãos tão frias,
o lábio entre-aberto;
me fogem as alegrias
de ver-te assim de perto,

Graças meu Jesus,
a aurora vem surgindo
como um livro de luz
que aos poucos vae-se abrindo!

Já ouvem-se os cantores
das mattas virginaes
chamando os lavradores
em cantos matinaes.

Já sente-se nos caminhos
uns tremulos rumores
—de flôres entre ninhos
de ninhos entre flôres.

Respiro o olor da malva
que no ar vae se perdendo
em quanto vae morrendo...
além a estrella d'alva

Oh! filha, toma alento,
não tens mais que receiar;
chegamos em salvamento,
nas plagas do nosso lar!

TIMOTHEO MAIA.

Desterro,—18—Julho—88.

(Dos Cantos Matinaes.)

Sobre o « Rio Apa »

Á MUCIO TEIXEIRA

(Lendo a sua brilhante poesia—O NAUFRAGIO DO « RIO APA »)

Aquella abandonada e triste caravana
de almas entre o furor dos bravejantes mares
de certo que morreu bradando para os ares:
—A humanidade já deixou de ser humana!

Sim! que o abutre espectral e negro do abandono
foi desta vez (que horror!) a bussola de morte
a tantos seres que hoje o interminavel somno
dormem na solidão, em lugubre cohorte!

Só de se imaginar n'essa terrivel scena,
o coração se rasga e grita e se espedaça;
e ainda se dizer que na amplidão serena
do calmo Azul existe um Deus para a desgraça!

Tarde de mais ergueu-se a santa mão do Auxilio
aos naufragos que, em ais foram morrendo á tóa
do largo oceano azul no aprofundado exilio
onde, assim como a vaga a nossa esp'rança vôa...

Eu que adoro a tranquilla e alegre côr das ondas
quando abre o céu da noite a constellada umbélla,
dôe-me essas narrações das tragicas, hediondas
luctas do braço herculeo e doudo da procel...

Vendo o enterro cruel de tantas creaturas
na eterna « cóva aberta » enorme do oceano,
até me custa a crêr que exista nas alturas
um Deus piedoso e justo, um Deus divino e humano!

CARLOS DE FARIA.

Laguna, 8 de Agosto de 1887.

(Dos « Meteóros »)

Abrazado

Não vês, esplendido anjinho,
n'aquelle lago azulado,
tonto, doirado peixinho,
que as aguas corta arrufado,

como as rôlas cortam os ares
em dias tristes, nublados?
—Tu não vês? Quantos altares
de gózos c'o elle tombados!...

Não notas, não, minh'aurora,
como elle afflictivo córa
surgindo d'agua afogado

pela luz que doira o dia
e que explende alli, sadia,
—morrendo ao sol, abrazado?

LUIZ NEVES

26 de Julho de 88.

Dous destinos

Borboleta vadia, em que anrea camara
A aza toda de sandalo impregnaste?
Um dia cheia de um sabor á tamara
De uma rosa na petala pousaste.

A flôr fechou o calix transparente
Ao receber o teu primeiro beijo:
Ella era muito candida e innocente
Para entregar-se logo ao teu desejo.

Tu ficaste mais tremula que a gotta
De cheira sobre um ramo de loureiro:
Eras do bosque a derradeira nota,
Eras da tarde o ultimo pegureiro.

Depois... ao longe desapareceste
Sem um collo de flôr piedoso e ethereo
A procurar a sombra de um cypreste
Das catacumbas sobre o chão funereo.

Eu tambem viajei pelo horisonte.
O' borboleta, em busca do passado!...
Tu, nunca mais voltaste ao prado e á fonte
Eu, nunca mais voltei á fonte e ao prado.

Não podias viver sem esse calix,
Eu sem ella viver tambem não pude;
Passaste a juventude pelos valles,
Eu pelo amor passei a juventude.

Tu colbias no azul a poeira d'ouro
Das tuas azas leves e pequenas,
Eu, no jardim do seu cabelo louro
As illusões—brancas como açucenas.

No seu aroma casta, embalsamada,
Sobre um leito de marmore descanças,
Tal repousa esta vida amargurada
No sepulchro das suas esperanças.

LUIZ MURAT.

NOTICIÁRIO

Recebemos do nosso digno corres-
pondente na Laguna, o inspirado poe-
ta Carlos de Faria, uma vigorosissima
poesia de sua lavra que se intitula—
«Apotheóse»—.

A poesia é de largo folego, e de es-
tylo modernissimo: mesmo todas as
poesias do poeta são dignas de merito;
pois que ha nellas o lampejo sublime
do seu ardente talento.

Carlos de Faria é um verdadeiro
poeta da actualidade: expontaneo, fe-
cundo, cheio de harmonias, elle, o poe-
ta inspirado, burilla sempre os seus
versos com todos os esplendores da
Arte.

Na nossa secção especial—Perolas
de Ophir—, aonde vemos pessoas
conscienciosas manifestarem as suas
fulgurantissimas idéas poeticas, vai
publicada a—«Apotheóse»—.

ALBUM DE PARABENS

No dia 2 de Agosto, proximo,
completará 18 perfumantes e risonhas
primavéras a Exma. Sra. D. Maria As-
pasia do Livramento.

—No dia 1º completará 50 annos de
idade o conceituado e sincero cidadão
Sr. Domingos G. da Silva Peixoto, dig-
nissimo inspector do Thesouro Pro-
vincial d'esta cidade.

Respeitosamente felicitando ao il-
lustre funcionario, desejamos-lhe u-
ma vida longa, mas cheia sempre de
muitas felicidades.

—No dia 22 do corrente completou
56 annos de existencia o respeitavel
cidadão João Antunes de Sant'Anna,
pessoa a quem attribuímos os nossos
respeitaveis apreços pelas suas s ince-
ras qualidades.

Continúa enfermo o distinctissimo
moço, Sr. Eduardo Freyesleben.

Fazemos votos para que Deus lhe
entregue a saude, para vel-o entre nós
gosando vida satisfeita.

Damos hoje, como noticiámos, pu-
blicidade, na nossa secção romantica,
as bellissimas—«Noites de Verão»—do
illustrado poeta brasileiro Damasceno
Vieira.

Recommendamo-las aos leitores.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

—A «Revista Popular», dedicada ao
util e ao bello que vê semanalmente a
luz da publicidade em Pelotas (pro-
vincia do Rio Grande do Sul).

E' seu proprietario e redactor o dis-
tincto jornalista Francisco Cardona.
A «Revista» tem sempre uma leitu-
ra doce, encantadora e sublime, tem
sempre uma série de artigos sinceros e
de merecimento.

Saudando gloriosamente a brilhan-
tissima «Revista», desejamos vel-a se-
guir a luminosa estrada que encetára,
continuando como sempre a ser digna

de apreço, mérito, manifestações e
brindes.

—O «Independente» de Bagé da mes-
ma provincia.

E' um organ esse muito util ás clas-
ses.

—A «Grinalda», pequeno periodico
critico e litterario que sahe aos do-
mingos em Jaguarão, n'aquella provin-
cia.

E' de propriedade de uma associa-
ção, redacção e collaboraçao de diver-
sos.

O collega existe ha nove annos.

—A «Gazeta de Campinas» que tem
continuado a nos distinguir com a sua
apreciavel visita.

O nobre poeta Carlos Ferreira é seu
proprietario e redactor.

—Desta cidade continuamos a rece-
ber o «Mosquito», de propriedade e re-
dacção do Sr. Joaquim Margarida.

As excellentes e recreativas carica-
turas feitas por este habil moço são
por nós muito apreciadas.

Logographo

(Por letras)

AO SR. BRAZINHA FILHO

—Tem graça, tem, seu tratante,
Casadinho a namorar 1, 2, 3, 4

Esta menieca vaidosa
De lindo, formoso olhar... 3, 6, 4, 5, 2, 3

—Ora, senhor, não descubra
O meu namoro, por Deus... 1, 2, 3, 4, 3

Minha esposa é ciumenta... 5, 4, 3

E estes dictinhos seus

Póde a... cousa transtornar. 3, 2, 5, 3

CONCEITO

Enorme paiz fecundo,
Patria de heróes e bravos:
Ganhaste renome, gloria
— Libertando teus escravos!

PINOIA

primo segundo do ESPIGA

São José—16—7—88

Aviso

Findando com o presente
numero as assignaturas do
corrente mez, participamos
aos srs. assignantes que lh'as
vamos cobrar de hoje em di-
ante.

A's pessoas que acham-se
atrazadas no pagamento des-
ta folha, pedimos o especial
obsequio de nol-o satisfazer;
afim de evitarem que lhes seja
suspensa a remessa do «Cre-
pusculo».